

O CRIME DO PADRE AMARO

I

Era em Leiria. Começava então a construir-se a estrada da Figueira: o velho passadizo de pau, sobre a ribeira do Liz, tinha sido destruído; e já se passava sobre a ponte nova, baixa, com dois arcos de pedra fortes, arredondados e largos. Para diante revolvia-se ainda o terreno, desbastavam-se os sítios, esborçavam-se monturos de sabão, e a espaços erguiam-se os montes de cascalho; com os seus grandes chapéus desabados os calcetores brilhavam o calhan, e viam-se os grossos cylindros de pedra que acamam e recatam os macadams, um pouco enterrados na terra negra com as últimas chuvas de maio.

Sobre a ponte a paisagem é larga e d'alta respiração. Para o lado do interior, d'onde o rio vem, elevam-se colinas baixas cobertas das raras verde-negras dos pinheiros, ou, a espaços, escavadas, onde fazem nodosa as grandes amarelhadas dos sabões: em baixo, na espessura dos arvoredos, estão os casacos. A's vezes n'uma clareira, ao sol, uma parede branca e caiada destaca-se na clara tranquillidade das tardes, e esbatem-se no ar os fumos esbranquiçados das lareiras. Na banda da cidade, que é também a do mar, para onde o rio vai entre dois renques de salgueiros esguios e pallidos, estende-se até aos primeiros arcos o campo de Leiria, verde, fe-cundo com o aspecto das aguas abundantes e batido da larga luz. Da cidade vem-se apenas alguns telhados negros, as cantarias parias, peçadas e jesuíticas da Sé, o muro do cemiterio coberto de parietarias, deixando por as pontas agudas dos cyrestes; e sobre o seu escuro monte, revolvido e duro, omittido de vegetações rebeldes, estão as ruínas do castello, desancando em negro, quadradas, com um grande ar historico.

Ao fim da ponte uma pequena rampa desce para a alameda á beira do rio. Ha ali arvores antigas; e o chão baixo, ao abrigo dos ventos in-